

MODOS DE MORAR: O CONCEITO DE APROPRIAÇÃO COMO QUALIFICADOR DE MORADIAS NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

MODES OF LIVING: THE CONCEPT OF APPROPRIATION AS A *HOUSIGN* QUALIFIER IN CONTEMPORARY DESIGN

Rafaela Nunes Mendonça¹

Simone Barbosa Villa²

Resumo

Este artigo resulta da pesquisa de mestrado intitulada “Apartamentos mínimos contemporâneos: análises e reflexões para obtenção de sua qualidade” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design (FAUeD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig)³. Seu objetivo foi analisar as inadequações geradas pela minimização dos apartamentos e seus efeitos sobre os modos de morar e viver, sugerindo uma relação mais intensa entre design e arquitetura que norteie a melhoria da qualidade funcional desses espaços. O presente artigo pretende apresentar os resultados obtidos com relação aos aspectos subjetivos do morar, especialmente no que diz respeito ao conceito de apropriação. Para tanto, aprofunda-se em questões subjetivas que estão diretamente ligadas a usabilidade da habitação. Como resultado, as análises que discutem sobre a importância do conceito de apropriação, percebendo que a habitação e seu conjunto de mobiliário e equipamentos fazem parte de um processo variável e dinâmico.

Palavras-chave: design de interiores; modos de vida; comportamento; processo; projeto.

Abstract

This article is a result of the master's research entitled "Contemporary minimal apartments: analyzes and reflections to obtain their quality" developed in the Graduate Program in Architecture and Urbanism - Faculty of Architecture Urbanism and Design (FAUeD) of the Federal University of Uberlândia (UFU), funded by the Minas Gerais State Foundation for Research Support (Fapemig), whose objective was to analyze the inadequacies generated by the minimization of the apartments and their effects on living and living modes, suggesting a more intense relationship between design and architecture. The objective of this article is to present the results obtained with respect to the subjective aspects of the dwelling, especially with regard to the concept of appropriation, for which it delves into subjective questions that are directly related to usability. As a result, the analyzes that on the importance of the concept of appropriation, realizing that the house and its set of furniture and equipment are part of a variable and dynamic process.

Keywords: interior design; lifestyle; behavior; process; project

¹ Doutoranda em Design, Programa de Pós-Graduação em Design – FAAC- UNESP

² Professora Doutora, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – FAUeD - UFU

³ Insere-se na linha de pesquisa “Produção da Habitação Verticalizada em Cidades Médias” do [MORA] Pesquisa em Habitação. <https://morahabitacao.com/>

1. Introdução

É fato que a sociedade vive em eterno devir e os tempos atuais apresentam-se cada vez mais dinâmicos, trazendo outras noções de tempo e espaço. A contemporaneidade é, portanto, marcada pela complexidade de transformações, especialmente dos modos de viver, comunicar e expressar, que trazem reflexos aos modos de morar (MELLO, 2008; MOURA, 2012). O fato é que, considerando as necessidades dos usuários sujeitos à dinâmica da sociedade e da cultura, a arquitetura e o design exercem a “função mediadora entre produção e uso” (BONSIEPE, 1983; FOLZ, 2008). Sendo assim, discutir os aspectos da contemporaneidade nos leva a refletir sobre as ações do design e da arquitetura no que diz respeito ao desenvolvimento de moradias cuja qualidade se apresenta, especialmente, em relação à usabilidade e apropriação do espaço por parte de seus usuários. Nesse sentido, acredita-se que a relação mais intensa entre o design e a arquitetura pode nortear a melhoria da qualidade funcional e a ressignificação destes espaços.

Ao observar os modos de morar contemporâneos, a moradia do tipo apartamento e o fenômeno da minimização dessas habitações, define um objeto que se apresenta como realidade vista em um número expressivo de imóveis comercializados no Brasil, independentemente da classe a que se destina. O problema que se coloca, no entanto, são as soluções de projeto frequentemente ofertadas tipificadas e pouco adequadas aos modos de morar e a vida da sociedade contemporânea. A pesquisa⁴, da qual este artigo resulta, teve como objetivo principal a análise e compreensão da relação entre as demandas da sociedade e os conceitos capazes de qualificar tais apartamentos, identificando inadequações e fazendo recomendações para sua melhoria. Os principais conceitos trabalhados na pesquisa foram: uso, flexibilidade, apropriação, adaptação, privacidade e ergonomia. Tais conceitos podem ser divididos em dois grandes grupos: conceitos objetivos (uso, flexibilidade, adaptação e ergonomia) e conceitos subjetivos (apropriação e privacidade), tendo o conceito de uso como pilar para o desempenho dos demais conceitos, afinal, o usuário e seu comportamento no espaço são o cerne da questão sobre a qualificação da habitação.

Este artigo apresenta os resultados obtidos com relação aos aspectos subjetivos que envolvem o morar, apresentando o recorte sobre o conceito de apropriação, entendendo a sua importância e a carência de estudos nesse sentido para a área do design e arquitetura, especialmente voltados ao design de interiores. Afinal, nota-se que a grande maioria dos estudos sobre habitações mantém foco em questões arquitetônicas funcionais e construtivas. Assim, o objetivo desse artigo é fomentar uma discussão sobre as implicações da subjetividade, no morar, e demonstrar através das análises, um desencadeamento prático-objetivo do conceito de apropriação como ferramenta de qualificação desses espaços mínimos.

Para tanto, utiliza-se do objeto de estudo da pesquisa principal, onde foram considerados os apartamentos contemporâneos frequentemente produzidos pelo mercado imobiliário em cidades de médio porte, voltando o olhar sobre a cidade de Uberlândia - MG. Dentre os apartamentos ofertados na cidade, foram selecionados aqueles destinados à classe média da sociedade, tal recorte social se deve à notoriedade recebida nos últimos anos por

⁴ Pesquisa de mestrado, desenvolvida nos anos 2013-2015, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAUeD - UFU. Tal pesquisa se insere em uma maior, financiada pelo CNPq, intitulada “HABITAR VERTICAL - Avaliação da qualidade espacial e ambiental de edifícios de apartamentos”, cujo desdobramento se mantém atualmente em outra pesquisa, intitulada “COMO VOCÊ MORA - Sistema Interativo de Avaliação Pós-Ocupação da Qualidade do Habitar em Meios Digitais”

seu volume e demanda de mercado, visto seu evidente crescimento socioeconômico. Foram elencados dois estudos de caso lançados pelo mercado imobiliário local (Uberlândia), entre 2010-2015, com tipologias de dois e três dormitórios. Importante destacar que tal seleção partiu de uma análise⁵ que constatou uma reprodução de um modelo de apartamento, onde edifícios inteiros estão espalhados por todo país de forma “carimbada”, ou seja, sem grandes variações além da mera disposição formal e estética (BRANDÃO, 2003). Para um entendimento mais completo, que evidenciasse a importância da comunicação entre o design e a arquitetura, também foram estudados os equipamentos e mobiliário, considerados como essenciais à dinâmica doméstica. Tais móveis e equipamentos domésticos foram selecionados a partir da disponibilidade em lojas de varejo, localizadas na cidade, porém de abrangência nacional.

Sendo assim, os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste artigo se apoiam nos procedimentos utilizados na pesquisa de mestrado, os quais consideram: (i) pesquisa bibliográfica acerca dos modelos de habitação do tipo apartamento; (ii) pesquisa bibliográfica sobre as demandas da sociedade contemporânea; (iii) pesquisa bibliográfica sobre conceitos qualificadores do espaço habitacional: noções de uso, flexibilidade, apropriação, adaptação, privacidade e ergonomia; (iv) seleção e análise de fichas de dados sobre os empreendimentos da cidade de Uberlândia⁶, bem como dos equipamentos e mobiliário doméstico, para verificação e listagem de exemplos e padrões dimensionais dos mesmos; (v) pesquisa e análises acerca de ações positivas de design e arquitetura, para os interiores residenciais e mobiliários, mais atentos às demandas dos usuários contemporâneos; (vi) escolha de dois estudos de caso localizados na cidade de Uberlândia, a partir de critérios pré-determinados; (vii) análises pós-ocupacionais nos estudos de caso a fim de identificar maneiras de morar; (viii) análises gráficas nos estudos de caso compatibilizando os conceitos estudados e os modos de morar levantados em etapas anteriores; (ix) elaboração de recomendações orientadoras para projetos de apartamentos.

Com todas essas etapas cumpridas, os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do presente artigo iniciam-se com uma revisão da bibliografia sobre o conceito de contemporaneidade e design contemporâneo, discutindo seus reflexos nos modos de morar. Assim, foi possível destacar a importância das subjetividades como aspecto fundamental para a qualificação do habitar. Tal importância foi evidenciada a partir das pesquisas e análises documentais, onde foram utilizadas as fichas de dados sobre os empreendimentos localizados na cidade de Uberlândia, bem como através dos resultados da pesquisa empírica, utilizando-se do método observacional (avaliação pós-ocupação), que possibilitou o contato com moradores dos edifícios analisados, onde pôde-se observar os fatos de maneira natural, verificando os usos e os aspectos de apropriação da habitação de acordo com os modos de vida, hábitos e costumes, bem como os perfis familiares de cada usuário/morador. Por fim, foram desenvolvidas análises gráficas, enfocando aspectos de desempenho do conceito de apropriação do espaço analisado, a partir de uma leitura mais objetiva desse conceito. Acredita-se que assim as análises evidenciam de maneira mais clara e “palpável” os problemas da habitação em responder os conceitos subjetivos, ancorando-se nas informações e análises sobre o desempenho e papel do conceito de uso. O intuito, portanto, é despertar uma discussão que faça relação entre o papel do design de interiores enquanto ferramenta de ação conjunta no desenvolvimento de projetos de habitação e seus

⁵ A análise, presente no capítulo 1 da dissertação (p.43-53), verifica a questão da reprodução de um modelo de apartamento, que não só se repete na cidade de Uberlândia, mas por todo território brasileiro, evidenciando a desconsideração com questões particulares como, por exemplo, a cultura local onde o edifício é inserido.

⁶ Para isso utilizou-se o banco de dados da pesquisa “Habitar Vertical”, indicada anteriormente.

equipamentos e mobiliário.

2. Contemporaneidade e Design Contemporâneo: Implicações na Subjetividade do Morar

Segundo Bonsiepe (1983), o espaço habitável, “habitat”, e os produtos, “artefatos materiais”, são análogos na medida em que se afirmam como resultado da intervenção humana no intuito de uma maior e melhor interação. Ou seja, a moradia está simbioticamente relacionada ao mobiliário e equipamentos, uma vez que são produzidos para serem experimentados pelo usuário de forma direta na sua vida cotidiana (BONSIEPE, 1983; LÖBACH, 2001). Eis então, um ponto chave dessa discussão, o usuário e sua vida cotidiana.

Um erro recorrente ainda hoje, em ações de projeto de produtos e habitações, é o modo como o usuário é considerado. Por vezes se esquece que, na verdade, trata-se de um ser humano, real, passível de transformação não somente biofísica, mas, também comportamentais, psíquicas e emocionais, que se modificam de acordo com as influências do tempo em que vive, da sociedade em que se insere, dentre tantos outros fatores que evidenciam a complexidade de se atender as necessidades desse usuário real (MOURA, 2014). Por isso, manter um olhar crítico e atento ao tempo presente pode contribuir para o desenvolvimento de projetos mais consistentes e dotados de qualidade. O que não significa uma tarefa fácil e rápida, ou que será possível alcançar uma “receita pronta”, rígida e correta, ainda mais se tratando de habitações, seus móveis e equipamentos, afinal, trata-se de um processo variável e dinâmico, assim como o cotidiano das pessoas.

A evidência desse erro pode ser percebida pelo traçado da habitação que ainda mantém como forte característica a estanqueidade e a rigidez da tipologia tripartida, modelo este baseado nos remotos modos de viver da belle époque, diferenciando-se basicamente pela notória exiguidade de áreas (RYBCZYNSKI, 1996; TRAMONTANO, 1997; VILLA, 2008; FOLZ, 2008; MELLO, 2008). Nota-se naquela época, a forte presença da tradicional família nuclear e a influência de um pensamento patriarcal, onde os provedores da família eram os homens e as mulheres eram praticamente destinadas aos cuidados domésticos e a criação dos filhos. No entanto, a contemporaneidade é marcada pela diversidade de hábitos e costumes e principalmente das composições familiares, comprovadas por dados estatísticos⁷. Um processo que se torna cada vez mais evidente e pode ser visto como um dos desencadeamentos da contemporaneidade é o individualismo.

Especialmente em metrópoles, o individualismo vem se afirmando desde os anos 90, apresentando novos encaminhamentos do morar, como, por exemplo, o crescente número de pessoas que moram sozinhas (VILLA, 2013; MELLO, 2008). Além disso, reflete-se também em uma esfera maior, a do comportamento, onde as pessoas querem “ser diferentemente iguais a todos” (MELO, 2008). Ou seja, há uma necessidade de que a personalização dos espaços e objetos seja permitida e de certa forma facilitada. No entanto, o que ocorre verdadeiramente é uma forte ação publicitária, exercendo sobre o espectador a necessidade constante de adquirir um lugar perfeito para morar, influenciando a compra apresentando o produto como algo “diferenciado”, a fim de distinguir dos demais pertencentes à mesma classe (LOUREIRO e

⁷Segundo as pesquisas do IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, presente em: Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica número 34.

AMORIM, 2005; BICUDO, 2008). O fato é que, há uma “recriação contínua das expectativas em torno do morar e de um certo estilo de vida”, porém, nenhuma solução efetivamente adequada aos processos de apropriação são tomadas e aplicadas aos projetos de habitação (LOUREIRO e AMORIM, 2005).

Considerando que o design contemporâneo tem como uma das bases a união entre o caminho efetivo e afetivo (BICUDO, 2008), despontando como características a "consciência em relação ao outro", quando é notada a "busca da participação ativa do usuário no uso e na destinação da função do objeto" e "a oferta de possibilidades para a personalização e customização presentes no objeto e que serão realizadas pelo usuário" (MOURA, 2012), pode-se dizer então, que o conceito de apropriação define-se como uma de suas estratégias. Assim sendo, a relação mais intensa entre o design e a arquitetura se dá a partir do momento em que a tomada de consciência dos conceitos qualificadores como o de apropriação, encaminham para a percepção de que o projeto é na verdade um “work in progress que busca reforçar laços identitários entre sujeitos e objetos e entre sujeitos e sujeitos” (BICUDO, 2008; SCHMIDT et. al., 2010).

Ou seja, como a sociedade progrediu através de prosperidade econômica e inovações tecnológicas, o entendimento sobre o tempo, como uma contingência, é de suma importância por tornar a arquitetura e o design, mais sensíveis à sua realidade. Em geral, se percebe na produção habitacional, uma fixação de desempenhos funcionais para a habitação, que congela o tempo em busca de uma adequação idealizada, promovendo um produto com características de projeto estático (SCHMIDT et. al., 2010; SCHNEIDER e TILL, 2005). Alguns estudiosos apontam que uma reação a esse modo de funcionamento é incentivo de uma compreensão mais dinâmica e holística do ambiente construído.

Vê-se então, a questão da adaptabilidade, termo muito usado em estudos da área de arquitetura, um conceito intrínseco ao de apropriação, que pode ser entendido como mudança estratégica que reflete em edificações consideradas não como um projeto finalizado, mas como objeto imperfeito, em constante evolução funcional, tecnológica e estética para responder a metamorfose da sociedade (SCHMIDT et. al., 2010). Segundo Brandão (2002), a adaptabilidade é um critério que garante a versatilidade da edificação valendo-se da “descaracterização funcional das peças de uma edificação, de forma a dar-lhes alternativas de uso”, por meio da intervenção do próprio morador. Para tanto, os responsáveis pelos projetos de habitações e seus integrantes precisam adotar uma metodologia construtiva que viabilize a participação dos moradores, oferecendo a eles orientações e capacidade de interferir de maneira saudável em sua moradia (BARROS e PINA, 2012).

Assim, acredita-se que, sendo a apropriação um dos conceitos capazes de fornecer qualidade ao morar, o design contemporâneo traz possibilidades de equacionar tal problema a partir do momento em que, para a criação ou recriação de singularidades, reconhece as ineficiências do projeto e percebe que ele por si só não é solução eficiente, procurando então resolver a partir de uma "maneira sistêmica do ato de projetar" (BICUDO, 2008). Esse mesmo autor afirma ainda que, é necessário adotar uma postura projetual atenta ao conjunto de variáveis do contexto dado, que só se resolve a partir da intersubjetividade. Ou seja, considera que "todos somos projetistas daqueles sistemas com os quais nos relacionamos", exigindo, portanto, que os profissionais responsáveis pelo projeto reconheçam que é inevitável - e até saudável - que "dividam o palco" do projeto (BICUDO, 2008).

2.1 Apartamentos Mínimos Contemporâneos: Modos de Morar

Este estudo considera que a minimização das moradias não está fadada apenas à limitação de

área útil da habitação, mas sim as condições restritivas que este fenômeno proporciona ao morador, no que diz respeito à apropriação, a partir de um olhar sobre o uso. Sabe-se que o fenômeno da minimização dos apartamentos deriva de vários fatores, como a superestimação dos imóveis, a demanda de habitações e a escassez de terrenos nos centros urbanos, bem como as mudanças de perfil demográfico do país e mudanças de hábitos e cultura dos indivíduos. Mas, a partir da observação geral dos empreendimentos lançados, principalmente para a classe média, tais modificações estão realmente sendo consideradas? Villa (2010, 2008) afirma que, os agentes imobiliários respondem a essas necessidades de uma maneira maquiada e pouco convincente, percebendo que a publicidade opera muito mais incisivamente, no sentido de transformar desejos em necessidades.

A discussão sobre habitações mínimas vem, desde o modernismo, sendo discutida e procurando evoluir para a perspectiva de que, o padrão mínimo não deve ser amparado somente por avaliações dimensionais e físicas relativas ao espaço e às atividades domésticas. Nesse sentido, Boueri (1989), considera que os fatores sociais e psicológicos, surtem efeitos sobre as “ações orgânicas do corpo” e sobre o bem-estar das pessoas, portanto, existem certas exigências “psicossomáticas” que também devem ser associadas e consideradas como referências na determinação dos padrões mínimos da habitação. No entanto, Folz (2008) afirma que, os padrões adotados atualmente, para a produção de habitações mínimas, ainda aceitam normas ultrapassadas e áreas inferiores ao mínimo determinado por vários estudos. Não consideram as especificidades regionais o que acaba dificultando o pareamento com peculiaridades culturais, familiares e subjetivas dos usuários (BOUERI, 2003; FOLZ, 2008; FOLZ, s.d).

Empreendedores de outros países como Japão, Estados Unidos, Espanha, França, entre outros, onde essa necessidade já é mais evidente, se enveredam em busca de soluções. Ora optando por investir em projetos que possibilitem o compartilhamento de áreas entre os apartamentos, deixando privativo apenas o quarto do morador e compartilhando as salas e cozinhas com outras unidades de apartamentos. Ora, apresentando um projeto que possibilite a integração de unidades e assim, oferecer um apartamento maior, caso a demanda do morador se volte para as configurações convencionais. Como exemplo de soluções para habitações mais flexíveis e favoráveis à apropriação, a figura mostra um projeto do arquiteto Herman Hertzberger, que desenvolve uma arquitetura que procura dar lugar para o usuário intervir à sua maneira, através de projetos que não apresentem soluções prontas (Figura 1).

Segundo Hertz Berger (1996), para que os usuários tenham liberdade de interagir com as construções, é preciso que haja uma arquitetura racional, capaz de estabelecer da melhor maneira, ordem e regras. Para isso, o arquiteto deve ter conhecimento das ações e usos, e os espaços exigidos para que se realizem, e assim estabelecer formas que podem ser adaptadas da melhor maneira a mais situações.

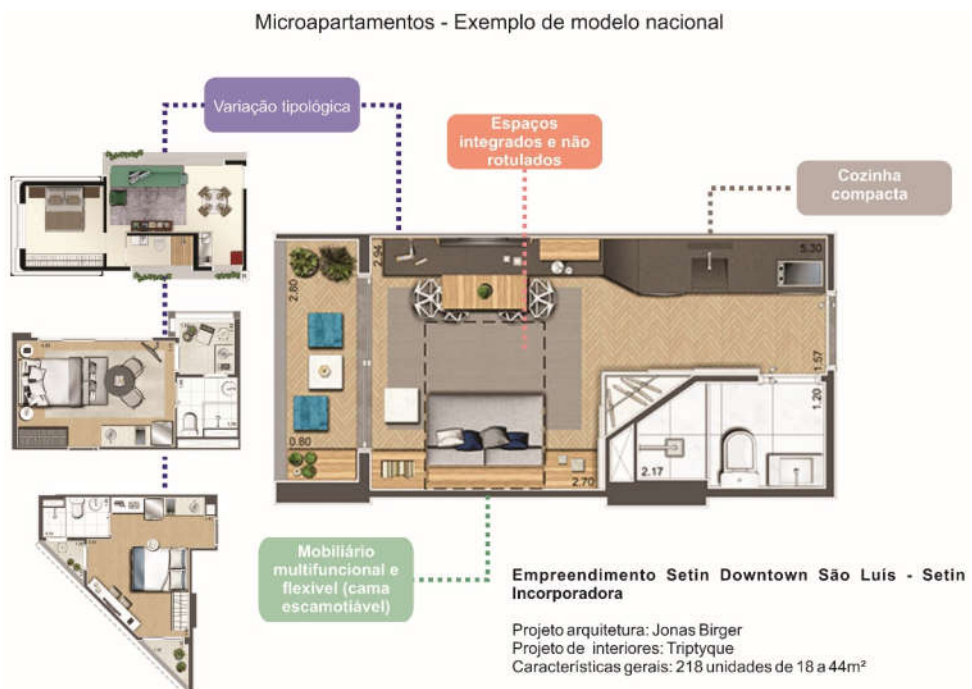
No Brasil, o desenvolvimento do mercado imobiliário de apartamentos tem evidenciado que essas características também são relevantes para o público potencialmente interessado nessas habitações mínimas. Nota-se que alguns projetos demonstram um traçado mais atento a essa demanda, procurando desenvolver soluções mais conscientes, como pode ser visto na Figura 2.

Figura 1: Soluções projetuais adotadas por arquitetos internacionais.



Fonte: Elaborado pelas autoras com base em http://www.ahh.nl/index_en.html

Figura 2: Soluções projetuais adotadas por arquitetos internacionais.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O fato é que, atualmente, percebe-se a volta de soluções que foram propostas no século XX pelos arquitetos modernos. E, o que antes eram idealizações que pareciam não fazer sentido perante a estrutura da sociedade daquela época, agora se fazem essenciais às novas exigências dos usuários de habitações mínimas contemporâneas (BRANDÃO, 2002; FOLZ, 2008; JORGE, 2013). O problema está em fazer da proposta de habitação com padrões mínimos, elaborados por esses modernistas, aspectos simplificados, abreviados a mera utilização da especulação imobiliária (FOLZ, 2008). É importante lembrar, como esclarecido por Folz (2008), que a habitação precisa ter sua concepção de forma “ativa e orgânica com as condições de vida e necessidades culturais de sua época”, e principalmente as mínimas, devem satisfazer, com a maior economia e simplicidade, as exigências necessárias de cada período e sociedade.

3. Um Olhar sobre os Usuários: Estudo de Caso em Apartamentos da Cidade de Uberlândia

Para refletir sobre essas questões de inadequação e para melhor visualização dos problemas e análise do atendimento ao conceito de apropriação, esse artigo apresenta um dos objetos estudados pela pesquisa de mestrado. Para isso realizou-se uma pesquisa empírica, que se apoia no método de Avaliação Pós-Ocupação, e para o recorte que o presente artigo apresenta, considerou-se o resultado obtido de um estudo de caso.

O quadro a seguir apresenta os critérios utilizados na escolha dos objetos de estudo, no qual se enquadra o estudo de caso apresentado neste artigo.

Quadro 1: Critérios gerais de seleção dos objetos de estudo.

<i>Critérios</i>		
Gerais	Localização	Uberlândia - MG
	Período	Anos de 2010 a 2015
Mercadológicos	Mercado ofertante	Imobiliário
	Construtoras/incorporadoras	De abrangência nacional
	Valor médio do m ²	R\$2 mil (referência 2014)
	Público-alvo	Classes médias
Sociais	Salário médio mensal*	2,7 salários mínimos
	Perfis familiares predominantes*	Casal sem filhos Monoparental (mulher sem cônjuge e com filhos)
	Número predominante de pessoas por domicílio particular*	2 e 3 moradores
	Número predominante de moradores por dormitório*	1 a 2 moradores
Tipológicos	Número de dormitórios	2 a 3 dormitórios
	Área útil média**	66,95m ² - apartamentos com 2 dormitórios 108,87m ² - apartamentos de 3 dormitórios

*Dados obtidos pelo IBGE, senso 2015.

**Dados obtidos após levantamento de todos os empreendimentos da cidade de Uberlândia que correspondiam aos critérios anteriores.

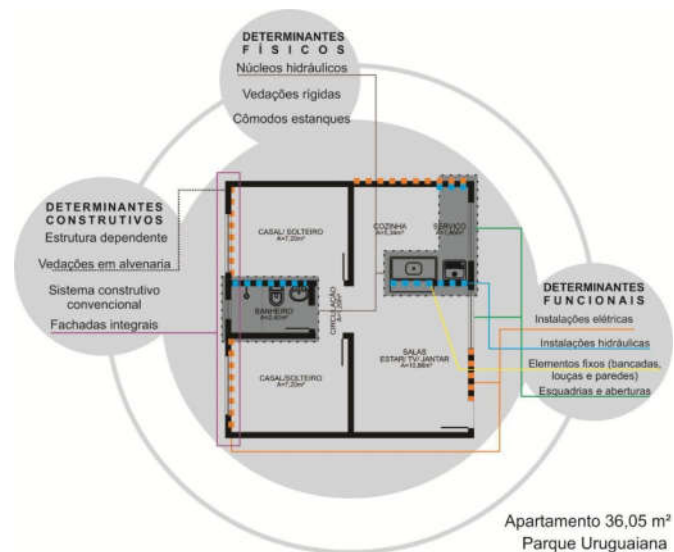
Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir dos estudos realizados, verificou-se que de modo geral, os apartamentos não respondiam satisfatoriamente aos conceitos considerados como qualificadores da habitação. O estado se agrava, ao se deparar com um modelo de apartamento cujas dimensões são ainda mais enxutas. Assim, para o desenvolvimento do presente artigo, foi selecionado o

apartamento que apresentou menor área útil, considerando que o fator de minimização dos espaços pode ser um agravante tanto para usabilidade e conseqüentemente para a apropriação da habitação. A justificativa se dá no fato de que é um modelo habitualmente encontrado, onde sua configuração pressupõe o atendimento a um grupo composto de até quatro moradores. No entanto, fatores como a exiguidade das áreas, a estanqueidade e compartimentação excessivas não oferecem condições adequadas para que tal número de moradores seja plenamente atendido em suas necessidades físicas e psicológicas.

O estudo da unidade se inicia a partir da análise da planta e da identificação de aspectos condicionantes, que interferem diretamente em questões não apenas de usabilidade e físicas, mas também nas possibilidades de apropriação que consideram as necessidades subjetivas de imprimir na moradia aspectos da memória, afetividade e identidade.

Figura 3: Características gerais, aspectos condicionantes da habitação e seus de efeitos negativos da minimização.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Para que a compreensão dos usos da habitação fosse confrontada com os determinantes identificados, foram elencadas, através de pesquisas bibliográficas, documentais e empíricas, as atividades previstas como “essenciais” à dinâmica doméstica. Desse modo, foi possível identificar pontos críticos que se referem às restrições de usabilidade impostas sobre os usuários dos apartamentos estudados. Para tanto, procedeu-se da seguinte forma: (i) entendimento do uso de acordo com a discriminação de atividades consideradas essenciais à dinâmica doméstica; (ii) verificação dos usos e modos de morar a partir de análises pós-ocupacionais; (iii) compatibilização do conceito, considerando os usos dos espaços e seu conjunto de mobiliário e equipamento, com os resultados sobre os modos de morar, identificando os níveis e os pontos de dificuldade em corresponder satisfatoriamente o espaço mapeado. Sendo assim, a análise é fundamentada por estudos bibliográficos que se referem ao conceito de apropriação (PEDRO, 2014; 2002), bem como nos resultados obtidos das verificações e análises pós-ocupacionais.

Sobre a verificação dos modos de vida, a pesquisa empírica complementada com a

aplicação de questionários, segundo os métodos de APO (Avaliação Pós-Ocupação), contou com uma amostragem de 30% das habitações em relação ao total de apartamentos ocupados no edifício analisado, durante o segundo semestre de 2014. Tal procedimento contribuiu de modo a formular previsões, avaliando as possibilidades que um determinado acontecimento pode gerar.

Todo esse conjunto de informações, portanto, segundo Bernard (2005), colabora na formulação de previsões, que é uma das maneiras de “clarear decisões”, ou seja, avalia as possibilidades que um determinado acontecimento pode gerar. “Não se trata de afirmar ou de negar que tal evento produz-se-á”. A observação dessas possibilidades contribui em orientações do projeto, para tanto, analisar as práticas atuais e ponderar sobre como elas acontecerão no futuro, quais as chances de persistir, modificar ou simplesmente, desaparecer, é um dos modos de obter certa previsão. Essas previsões também podem ser realizadas com base na análise do comportamento de grupos que, mesmo sendo em número pequeno, podem contribuir para a inovação social (BERNARD, 2005). Por isso a importância dessas atividades de contato com os usuários, pois, a partir das hipóteses lançadas pôde-se desenvolver análises, que partem em um primeiro momento, da visão do avaliador sobre as informações fornecidas pelas situações e pelos moradores, contribuindo para a programação e orientações de projetos, relacionados à qualificação da habitação.

A figura a seguir expõe os procedimentos metodológicos adotados, apoiado na APO, seu procedimento, objetivos e atributos avaliados.

Quadro 2: Procedimentos metodológicos elencados para a APO – objetivos e atributos avaliados.

<i>Objetivos da técnica</i>	<i>Atributos gerais avaliados</i>
<i>1. Levantamento geral de dados – pesquisador (avaliador)</i>	
Possibilitar aos pesquisadores (avaliadores) o acesso às informações e ao edifício a ser avaliado Levantamento dos dados iniciais Contatos para a viabilidade da APO no edifício	
<i>2. Pesquisa de perfis familiares – funcionários e morador (usuário)</i>	
Possibilitar aos pesquisadores avaliadores a identificação do perfil familiar dos moradores – quais são as predominâncias de grupos familiares no edifício	Foram divididos em 8 grupos: família nuclear, família nuclear expandida, família monoparental, coabitação, pessoas sós, casal de idosos e DINKS, família monoparental expandida
<i>3. Questionário com análise de usos – morador (usuário)</i>	
Nível de satisfação dos usuários: espaços privados; Níveis de apropriação e privacidade dos usuários; Quais os motivadores para aquisição do apartamento no edifício estudado; Quais as aspirações (desejos e sonhos) em relação à moradia; Identificação das atividades realizadas nos respectivos cômodos; Presença de sobreposição de atividades; Adequação dos mobiliários; Aspectos positivos e negativos dos espaços.	Características do entrevistado; Nível de satisfação dos usuários (espaços privados e espaços semiprivados); Impressão geral do usuário em relação à unidade de apartamento; Identidade e grau de adaptabilidade/apropriação-adequação dos espaços da unidade; Análise da tarefa – lista de atividades ou ações por cômodo; Levantamento da unidade – organização do layout, registro fotográfico.
<i>4. Relatórios descritivos e comentados – pesquisador (avaliador)</i>	
Avaliar o quanto o projeto arquitetônico proposto, atende aos modos de vida dos usuários; Avaliar quais as possíveis alterações para melhoria da qualidade dos espaços, a partir de uma proposta de design de interiores.	Resultados dos questionários; Mapeamento comportamental e estudos de ações; Propostas de adequação do projeto aos modos de vida dos usuários

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os resultados foram compilados e permitiram identificar várias características dos usuários em relação aos seus modos de vida, cultura e também, entender como eles percebem e utilizam o espaço, assim como, alguns aspectos sobre a relação de identificação com a moradia e seu conjunto de equipamentos e mobiliário, o que pode ser considerado como reflexos da subjetividade do morar.

A primeira característica, mais geral e por sua vez condicionante, trata da identificação do perfil familiar. A cidade de Uberlândia, de certa forma ainda apresenta uma predominância da família nuclear, contudo, esse perfil tem “perdido forças” frente às recorrentes modificações da sociedade no geral, dividindo sua posição com outros arranjos familiares. Dentre os perfis familiares mais notórios estão os chamados casais DINC (Double Income and No Children - Dupla Renda e Nenhum Filho)⁸, famílias monoparentais e pessoas sozinhas, fato confirmado nas atividades de avaliação dos edifícios selecionados, onde especialmente no condomínio do apartamento aqui apresentado, é expressiva a quantidade de famílias monoparentais (especialmente formada por mãe e filhos) e casais DINC. Sobre essa perspectiva, observa-se que, as famílias nucleares que habitam tais edifícios são caracterizadas, em sua maioria, por serem compostas por jovens casais. Alguns desses casais demonstravam a intenção em ter filhos em futuro próximo, outros, já haviam tido um filho, ou no máximo dois, os quais ainda eram crianças pequenas ou bebês.

Observou-se que, mesmo com a intenção de alguns jovens casais, em formar uma família, havia predominância de cerca de dois moradores por apartamento, o que reafirma os dados estatísticos sobre a distribuição de dois moradores por domicílio na maioria das habitações do tipo apartamento, bem como o aumento expressivo do perfil familiar DINC. Outra característica observada foi a faixa etária dominante entre moradores, que gira em torno de 20 e 40 anos. Na grande maioria, são pessoas que adquiriram seu primeiro imóvel e o consideram como próprio, ainda que uma boa parcela o tenha adquirido por meio de financiamento e ainda não o tenha quitado. Os demais moradores, aqueles com faixa etária de 0 a 20 anos, são bem menos expressivos, já os que ocupam as faixas acima dos 40 anos se tornam mais expressivos, supondo que seja reflexo do que diz respeito à queda de fecundidade e o aumento da longevidade. As principais características observadas entre esses moradores com idade acima de 40 anos, é que viviam sozinhas ou com apenas um filho (especialmente mulheres), assim como casais, que anteriormente residiam em moradias maiores, principalmente casas, e se mudaram para os apartamentos devido a vários fatores, dentre eles os relacionados às mudanças no perfil familiar, como acontece no caso de separações, divórcios e do fenômeno “ninho vazio”⁹.

O que chama a atenção é que, quando interrogados sobre a satisfação com o imóvel adquirido ou sobre as pretensões de futuro na moradia, de um modo geral, principalmente os mais jovens e os recém-casados, afirmavam o desejo de adquirirem um imóvel maior ou de o perceberem como solução provisória até que se consiga “adquirir um espaço maior e melhor”, especialmente uma casa, ou seja, segundo Villa e Saramago (2014), são apartamentos caracterizados e amplamente divulgados pela imprensa como “primeiro imóvel”. No entanto, no decorrer da aplicação dos questionários e dos diálogos estabelecidos com os moradores,

⁸ Segundo VILLA (2012) o formato familiar DINC é a expressão mais forte das transformações econômicas e sociais, por firmarem o rompimento com os padrões tradicionais em vários aspectos como nos “papéis sociais e econômicos iguais entre pares, a dissociação entre sexualidade e procriação, laços de afeto e carinhos construídos não necessariamente na consanguinidade, liberdade de expressão”.

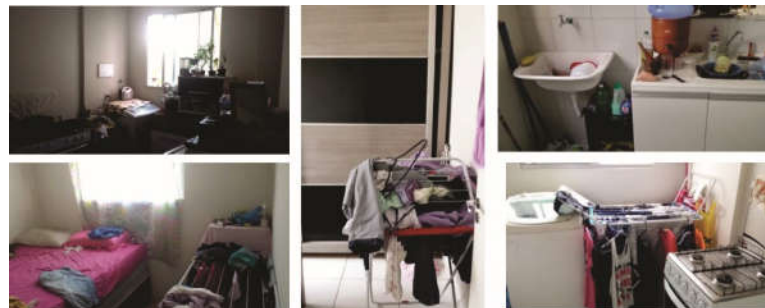
⁹ O chamado fenômeno do “ninho vazio”, diz respeito à etapa de vida em que as famílias se encontram quando os filhos já saíram de casa, restando no domicílio apenas o casal progenitor (VILLA, 2012; IBGE, 2014).

percebeu-se que, apesar da demonstração de tal desejo e das muitas inadequações e dificuldades de uso, adaptação e principalmente apropriação, muitos se diziam satisfeitos com a aquisição e felizes por possuírem sua “casa própria”.

Isso demonstra que, esses moradores sustentam suas satisfações, frente ao seu espaço de morar, mais em um ideário cultural que de fato em um reconhecimento racional dos aspectos de qualidade e condições de sustentabilidade que o imóvel detém aos seus modos de morar. Ou seja, o fator cultural brasileiro que enfatiza como prioritária a aquisição da casa própria, como sinônimo de sucesso pessoal e profissional, estabilidade financeira e familiar, qualidade de vida, assim como de segurança, gera sobre esse usuário um processo defensivo da chamada “dissonância cognitiva”.

É com base na Teoria da Dissonância Cognitiva, desenvolvida pelo psicólogo Leon Festinger, que se identificam as justificativas para a disparidade entre as respostas dadas pelos moradores avaliados, na medida em que se percebe nitidamente, as condições inadequadas em que se encontram os apartamentos (ver Figuras 4, 5 e 6), seja em relação ao uso, ao espaço ou arranjo de mobiliário e equipamentos. Sendo assim, para melhor entendimento da Teoria da Dissonância Cognitiva, cabe a apresentação de seu conceito assim como sua relação nas tomadas de decisões.

Figura 4: Patologias no uso da unidade relacionadas à sobreposição negativa de atividades.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 5: Patologias no uso da unidade relacionadas ao dimensionamento do mobiliário e equipamentos com relação ao espaço e dimensões de uso.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 6: Patologias no uso da unidade relacionadas às dificuldades de mobiliamento e organização do layout.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O princípio da teoria, parte da explicação de que é psicologicamente desconfortável sustentar percepções conflitantes e incoerentes, e por isso, a pessoa é impulsionada a “substituir sua cognição, atitude ou comportamento”, a fim de minimizar os desgostos e tentar retomar certo equilíbrio entre suas crenças e percepções (CARROLL, 2003).

Ou seja, a fim de manter um estado de equilíbrio psicológico com seu espaço de morar e minimizar os efeitos do desconforto, os usuários dessas habitações, mantêm na crença da importância da “casa própria”, os pilares da sua satisfação. Isso pôde ser notado pela disparidade de respostas quando, por exemplo, no decorrer do questionário, afirmavam se sentirem satisfeitos e confortáveis com a habitação, contudo, quando as perguntas se tornavam mais específicas, como em relação a problemas de uso ou até mesmo quanto ao dimensionamento dos cômodos, as respostas já se demonstravam mais negativas, dando a entender que esses usuários percebiam e sentiam, ainda que timidamente, as dificuldades e inadequações em alguns espaços da habitação aos seus modos de morar.

4. Uma Análise da Apropriação como Conceito Qualificador de Moradias

Como já mencionado, a pesquisa gênese desse artigo, analisou o desempenho de conceitos considerados qualificadores da habitação e dos objetos que participam com ela na relação usuário - espaço de morar, alguns conceitos mais fáceis de serem quantificados foram considerados como objetivos, já o grupo dos conceitos subjetivos, são aqueles mais intrínsecos às particularidades de percepção dos usuários, podendo haver dificuldades em qualificar e quantificar as informações captadas, como é o caso do conceito de apropriação. No entanto, existem exigências mínimas que podem ser contempladas de maneira geral e ponderadas através da percepção de indícios dados pelos usuários, a partir do momento em que se analisam os usos e dados genéricos sobre as características dos usuários (dados sociais, demográficos e culturais, por exemplo).

Sendo assim, o conceito de apropriação é visto como aquele que é capaz de atender o

usuário na realização de intervenções de personalização e/ou conformação aos modos de vida e particularidades. Está também, relacionado aos conceitos e noções de uso e adequação, assim como, de flexibilidade. No intuito de poder traduzir esse conceito de uma maneira mais objetiva, a fim de realizar uma leitura analítica dos aspectos críticos, foram consideradas recomendações dadas por Pedro (2002). Segundo ele, o conceito de apropriação é debatido de forma direta, quando em seus estudos sobre o “Programa Habitacional” apresenta uma relação de exigências de projeto, que visam a qualidade arquitetônica, aplicáveis à concepção, estudo e avaliação de habitações. Ele classifica a apropriação como uma das condicionantes de “personalização”, que juntamente à condicionante adaptabilidade, permite que os usuários realizem intervenções de personalização, identificação, ou alterações conforme suas necessidades, sem prejudicar a imagem ou configuração da “unidade do conjunto residencial”.

Figura 7: Análise do conceito de apropriação.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao elencar os aspectos contribuintes para a apropriação, muitos se comunicavam com aspectos de outros conceitos. Esses aspectos vão desde simples inserções de objetos pessoais, simbólicos e decorativos, até modificações no mobiliário, arranjo, na organização formal e distribuição dos cômodos e alterações de fachadas (sacadas) por meio de intervenções de cunho construtivo. Nas plantas são identificadas e representadas com os ícones de quais aspectos cabem na realidade na proposta e qual o nível de dificuldade em atendê-los. Também são feitas as representações de pontos críticos, ou pontos onde existem maiores dificuldades em atender os aspectos que conduzem às possibilidades de adequação.

Portanto, a análise gráfica aponta que o apartamento em questão apresenta um considerável nível de dificuldade para atender cada aspecto colaborador da apropriação

devido, especialmente, à exiguidade total de áreas e características construtivas, que não se atentam a questões mínimas relacionadas à subjetividade, como o perfil familiar a ser atendido. No caso de inserir objetos de decoração, ou pessoais/simbólicos, e objetos de jardinagem (como vasos de plantas e hortaliças), há certa dependência com fatores de espaciosidade e incidência de luz natural (no caso de elementos de jardinagem). Já para alterações na iluminação artificial, por exemplo, só se faz possível caso sejam realizadas modificações de acentuação, como inserção de forros rebaixados para relocação e/ou acréscimo de pontos elétricos para iluminação. Os demais itens, principalmente os relacionados a aspectos construtivos, formais e de organização do arranjo, são os que se apresentam como os de maior dificuldade. Aspectos como: modificação de características voltadas ao exterior se relaciona com fachadas livres, que é um dos elementos facilitadores de flexibilidade, e alterações reversíveis na forma do espaço, que se associam, por exemplo, ao uso de divisórias leves e/ou painéis deslizantes, ocorrem, principalmente, devido a fatores gerados pela ausência de flexibilidade.

De modo geral a análise apresenta, na planta, zonas demarcadas por cores e suas intensidades, indicando as áreas de dificuldade. Percebe-se que, nesse caso, são tomadas as áreas totais de alguns cômodos, e não tanto “pontos” específicos, justamente por se tratar de uma noção mais subjetiva. No entanto, vale ressaltar que os aspectos considerados tentam representar de maneira mais objetiva para resultar em uma análise gráfica legível, ou seja, a apropriação não se resume apenas aos aspectos analisados, na verdade, a análise pretende também demonstrar que há muito ainda que se estudar sobre esse conceito e a complexidade dos conceitos relacionados à subjetividade do morar na contemporaneidade.

5. Considerações Finais

Com todo exposto, compreende-se que pensar os espaços, com vistas apenas à economia e lucro, confere evidências de que o ciclo e sistema de produção imobiliária são insustentáveis. O ato de projetar deve reconhecer a volatilidade dos modos de morar e as características dos prováveis habitantes. Para tanto, várias ferramentas podem contribuir para uma pesquisa que guie os projetos das habitações, como por exemplo, os dados estatísticos levantados sobre as cidades e seus indicadores sociais que contêm informações demográficas e socioeconômicas. Outra ferramenta de grande relevância são os resultados obtidos de pesquisas de Avaliação Pós-Ocupação, que fornecem dados tanto objetivos quanto subjetivos, relacionados à percepção dos moradores.

Esse artigo, embora apresente um estudo realizado sobre um objeto específico, reafirma a importância da consideração sobre as noções de apropriação, como um dos parâmetros de projeto. Afinal, o objeto estudado é retrato de uma tipologia comumente encontrada em todo território nacional, de uma maneira carimbada e sem grandes alterações. Assim, a crítica aqui estabelecida apresenta-se como uma maneira de despertar a atenção dos envolvidos no projeto de habitações, destacando que o ato de morar é elementar à vida humana. Para tanto, acredita-se que a tomada de consciência sobre a questão da apropriação, como conceito qualificador, é capaz de dotar o projeto de eficiências práticas e representações simbólicas.

A apropriação é, portanto, o conceito que mais se aproxima das características do modo de projetar almejado pelo design contemporâneo, pois visa oferecer maior aproximação do usuário com o objeto, considerando-o como agente transformador do projeto, evidenciado que nada que está construído tem um fim por si só, por ser considerado "pronto". Percebe-se que na verdade, assim como a sociedade e indivíduos são mutáveis, as coisas também são.

Nada, nem mesmo as grandes construções arquitetônicas são fixas, no sentido mais amplo da palavra. Ou seja, não há como garantir e almejar que o projeto resulte em um produto estável e intacto diante o passar do tempo. Sendo assim, acredita-se que, não só a habitação, mas também, seu conjunto de equipamentos, mobiliário e objetos devem ser pensados e materializados sob a orientação desse parâmetro, igualmente.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG pela bolsa concedida, para efetuação da pesquisa de mestrado na qual se insere esse artigo, bem como ao CNPq e PROPP - UFU, pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa. Ao grupo de pesquisa “HABITAR VERTICAL - Avaliação da qualidade espacial e ambiental de edifícios de apartamentos” e “COMO VOCÊ MORA - Sistema Interativo de Avaliação Pós-Ocupação da Qualidade do Habitar em Meios Digitais”, pela contribuição com levantamentos e dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

- BARROS, R.R.M.; PINA, S.A.M.G. **Sinfonia inacabada da habitação Coletiva: lições a partir do PREVI para uma arquitetura de possibilidades.** Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 7-26, jul./set. 2012.
- BERNARD, Y. **Contribuição da psicologia ambiental para a política de construção de moradias.** Psicologia USP, São Paulo, v. 16, n. 1- 2, p. 213-222, 2005.
- BONSIEPE, G. **A tecnologia da tecnologia.** São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1983.
- BRANDÃO, D. Q. **Diversidade e potencial de flexibilidade de arranjos espaciais de apartamentos: uma análise do produto imobiliário brasileiro.** 2002.443p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- CARROLL, R. T. **Dissonância cognitiva.** The skeptc's dictionary. @copyright: 2003. Disponível em: < <http://brazil.skeptdic.com/dissonancia.html> > Acesso em: 10 de agosto de 2014.
- FESTINGER, L. **Teoria da dissonância cognitiva.** Zahar, 1975.
- FOLZ, R. R. **Projeto tecnológico para produção de habitação mínima e seu mobiliário.** 2008. 373 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014.** Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica número 34. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf>. Acessado em 17 dez. 2014.
- LÖBACH, B. **Design industrial. Bases para a configuração dos produtos industriais.** Tradução Freddy Van Camp. São Paulo: Blucher, 2001.
- LOUREIRO, C.; AMORIM, L. **Diz-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: estratégias de marketing e a criação da casa ideal - parte 1.** ARQUITEXTOS: Periódico Mensal de Textos de Arquitetura, Campinas, 057.09, fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/505>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

MELLO, M. M. C. Design, moda, arquitetura e urbanismo: uma geometria transversal. In: PIRES, D. B. **Design de moda: olhares diversos**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 75-93.

MOURA, M. Introdução. In: _____. **Design brasileiro contemporâneo: reflexões**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. p.11 - 34.

_____. **O contemporâneo no design brasileiro: reflexão sobre objetos**. In: Congreso internacional de diseño, 2012, Córdoba, Argentina.

PEDRO, J. B. **Programa habitacional. Espaços e compartimentos**. Lisboa: Lenec, 2014.

_____. **Programa habitacional. Habitação**. Lisboa: Lenec, 2002.

RYBCZYNSKI, W. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996. 261p.

SCHMIDT, R.; EGUCHI, T.; AUSTIN, S.; GIBB, A. **What is the meaning of adaptability in the building industry?** Loughborough University. United Kingdom, 2010. Disponível em: <<http://adaptablefutures.com>>. Acessado em: 20/01/2015.

SCHNEIDER, T.; TILL, J. **Flexible housing: opportunities and limits**. Architectural Research Quarterly, vol. 9, n. 2. p. 157-166, 2005.

TRAMONTANO, M. **Habitações, metrópoles e modos de vida. Por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo**. 3o. Prêmio Jovens Arquitetos, categoria “Ensaio Crítico”. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil / Museu da Casa Brasileira, 1997. 210mm x 297mm. 10 p. Ilustr. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: 17 dez. 2013.

VILLA, S. B.; SARAMAGO, R. C. P. A Qualidade Espacial e Ambiental de edifícios de apartamentos em cidades médias. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2014, São Paulo. Anais do III ENANPARQ: arquitetura, cidade e projeto, uma construção coletiva. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014. v. 1. p. 1-18.

_____. **Morar em apartamentos. A produção dos espaços privados e semi-privados nos edifícios ofertados pelo mercado mobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto**. Critérios para avaliação pós-ocupação. 2008. 358f. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. (Org.); ORNSTEIN, S. W. (Org.). **Qualidade Ambiental na Habitação: Avaliação Pós-Ocupação**. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. 400p.